

# ubianas

## Jornadas de Literatura da Covilhã As vozes dos livros

Por um dia, a Covilhã foi a capital das letras no cenário nacional. Escritores, críticos e leitores debateram o que se escreve em Portugal e no mundo, e trocaram perspectivas sobre a literatura. Num evento cultural ímpar, fica a promessa de novas realizações semelhantes.

### Eduardo Alves

Escrever livros hoje "tem de ser um prazer, tem de ser por fascínio e não apenas por uma moda ou pelo prazer de os ver em capas de revistas", sublinha Urbano Tavares Rodrigues. Este nome maior da literatura portuguesa foi um dos muitos a participar nas primeiras Jornadas de Literatura da Covilhã. Um evento organizado pela Câmara Municipal, que contou com o apoio da UBI e de Manuel da Silva Ramos, escritor natural da Covilhã.

Foi em pleno pólo das Engenharias que as Letras se instalaram. Manuel da Silva Ramos pega neste facto pouco usual para introduzir um outro. O autor de *Café Montalto*, e um dos principais promotores deste evento refere que "um acontecimento desta grandeza jamais estaria pensado para uma cidade como a Covilhã". "Esta noite dormi em minha casa e estava próximo dos 50 maiores escritores portugueses do nosso tempo", uma coisa que "me transformou". Silva Ramos descreve assim o sucesso da iniciativa que juntou vários nomes conhecidos da literatura nacional num mesmo lugar para falar "essencialmente do estado da língua portuguesa e das transformações por que esta tem passado", acres-



Escritores de todo o País reuniram-se na Covilhã

centa Mário Cláudio, outro dos presentes na Covilhã.

No dia 16 de Julho, os anfiteatros do pólo 8 albergaram as mesas redondas e os debates em torno de vários aspectos relacionados com a escrita. Para Agustina Bessa-Luís, "o encontro com o público anónimo, com aqueles que conhecem as nossas obras, melhor que nós próprios, é algo que marca esta iniciativa". A autora de *A Sibila* mostrou-se bastante satisfeita com o reconhecimento pelos participantes, da sua obra. Esta mulher das letras, "portuense de gema" destaca das Jornadas de Literatura, "a intervenção dos leitores".

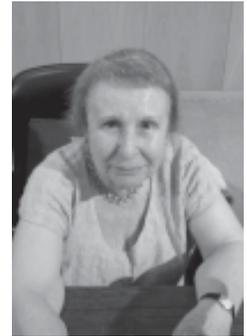
Para Agustina, "são eles que têm a maior legitimidade de nos apontarem erros, de nos darem sugestões e de classificarem as nossas escritas".

### "Fluir de criatividade"

Pedro Mexia leva também as suas palavras pelas mesmas linhas. O poeta e crítico literário mostra-se bastante entusiasmado com o encontro que decorreu na "cidade neve". Este escritor que integrou, entre outras, a mesa onde se tratou do futuro da literatura refere que está a nascer "toda uma escrita estética e ética". Uma ideia partilhada por Mário Cláudio, que alude o facto de

"a literatura ser um fluir constante de criatividade onde estão sempre a aparecer novos nomes e novos projectos muito bons".

Já Baptista-Bastos, que participou no debate onde se falou sobre "Literatura e memória" abordou outro tipo de questões relacionadas com a literatura. Segundo este escritor e jornalista "a memória é algo selectiva, apenas guarda o que deseja". Daí que a escrita seja vista por Baptista-Bastos como "um suporte da memória colectiva do homem". Esse suporte passa em grande parte pela imprensa escrita. Este jornalista lembra que "uma das mais nobres memórias portuguesas é a herança da imprensa". Ainda assim, Baptista-Bastos mostrou-se desagrado com o rumo que a cultura, a escrita "e os valores morais portugueses" estão a tomar. Lembrou um caso recente de Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, para com os jornalistas, "de uma arrogância tremenda e de um racismo extremo" e ainda assim, "apenas eu escrevi sobre isso". Baptista-Bastos sublinha também que sempre escreveu sobre aquilo que julgou que devia ser escrito. No caso de João Jardim, o jornalista mostrou-se bastante desagrado com os jornais, mas descobriu "o poder imenso dos blo-



Agustina Bessa-Luís

gues". Foi através desta nova forma de comunicação que "consegui partilhar as minhas ideias com milhares de pessoas, sobre uma das mais ignóbeis atitudes racistas decorridas em Portugal", acrescenta.

As Jornadas de Literatura acolheram o apoio de grande parte dos covilhanenses e espera-se agora uma continuidade da iniciativa. Autarquia e escritores mostraram-se disponíveis para repetir o evento com novas mesas de debate, promovendo a ligação entre os escritores, o público e os críticos literários.

## Doutoramento em Ciências da Comunicação À descoberta do novo *medium*

Procurar entre as várias correntes filosóficas novos significados para a mediação foi um dos objectivos de mais uma tese de doutoramento apresentada na UBI.

### Eduardo Alves

Olhar para a comunicação e para o resultado desta em relação ao mundo e a tudo o que rodeia o homem foi um suporte para o trabalho académico de José António Duarte Domingues. Este docente do Departamento de Comunicação e Artes da UBI apresentou a sua tese de doutoramento no dia 13 de Julho sob o título de "Arqueologia da Mediação". Domingues foi "escavar" as várias teses de filósofos que até aos tempos actuais reflectiram sobre a mediação, sobre "o acto do ser humano olhar para as suas envolventes". Um tema que tende, cada vez mais, "a estar associado à comunicação", mas que ainda assim não se fica apenas por esse campo científico.

Domingues começou por explicar que "mediar significa fundir ou ligar naturezas heterogêneas por um *medium*". Na sociedade actual, onde existe um cada vez maior número de aparelhos que nos levam a comunicar, a mediação "passa a ser como um caso



José Domingues (ao centro) estudou a "Arqueologia da Mediação"

técnico". Esta opinião é sustentada pelo autor com a ideia de que "esta técnica de mediação desliza até aos comunicadores pela paixão do *design* dos seus objectos". Ainda assim, o acto de comunicar algo através de uma representação que pode ser um texto, uma pintura ou uma música, tem sempre "o objectivo de preservar a memória". Foi este um dos pontos que esta tese acrescentou ao mundo académico. Domingues refere que pensou a mediação "junto com o problema do seu arquivo".

António Carreto Fidalgo, professor catedrático da UBI, José Augusto Mourão, professor associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, José Manuel Boavida dos Santos, professor associado da UBI, Isabel Matos Dias Caldeira Cabral, professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e António Bento, professor auxiliar da UBI, formaram o júri que aprovou esta tese de doutoramento.

## Mestrado em Língua, Cultura Portuguesa e Didáctica Tendências escolares

"Mar Me Quer" um livro infantil-juvenil de Mia Couto foi a obra que esteve sob análise no trabalho desenvolvido por Maria Alexandra Duarte Leitão. Esta professora do Ensino Básico refere que os programas actuais de Língua Portuguesa demonstram uma "forte lacuna no que respeita à abordagem de obras da autoria de escritores lusófonos".

Todo o trabalho desenvolvido em torno desta dissertação de mestrado que foi apresentada na UBI, no dia 13 de Julho, com o título "Mar Me Quer, um novo livro em análise" e tem como objectivo "provar que os programas actuais não contemplam este tipo de autores". A forte presença da cultura portuguesa e um "elaborado trabalho da língua de Camões" são marcas presentes nos livros de Mia Couto adianta a autora do estudo.

Segundo a mesma, "o que faz também alguma falta aos alunos é o contacto com escritores contemporâneos". Isto porque "existem muito poucas obras que falem sobre a realidade actual e sobre o mundo dos jovens".



Maria Alexandra Leitão

Para além de ser um trabalho académico, o estudo apresenta ainda "uma parte prática, com alguns exemplos de como se podem trabalhar estes autores nas aulas de português". Maria Alexandra Leitão viu a sua tese ser aprovada por um júri composto por João Malaca Casteleiro, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, José Alberto Lopes da Silva, professor catedrático da Universidade Interamericana de Puerto Rico e Maria Antonieta Garcia, professora auxiliar da UBI. E. A.